

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 10/02/2019.

LETÍCIA FERNANDA DA SILVA OLIVEIRA

DE MÁRTIR A MERETRIZ:

Figurações da mulher na Literatura de Cordel (1900-1930)

ASSIS

2017

LETÍCIA FERNANDA DA SILVA OLIVEIRA

DE MÁRTIR A MERETRIZ:

Figurações da mulher na Literatura de Cordel (1900-1930)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Francisco Cláudio Alves Marques

Bolsista: CAPES

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

O48d

Oliveira, Letícia Fernanda da Silva

De mártir a meretriz: figurações da mulher na literatura de cordel (1900-1930) / Letícia Fernanda da Silva Oliveira.
Assis, 2017.
191 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr. Francisco Cláudio Alves Marques

1. Mulheres na literatura. 2. Literatura de Cordel. 3. Arque-
tipos na literatura. 4. Estereótipos. I. Mulheres e literatura. I.
Título.

CDD 809.89287

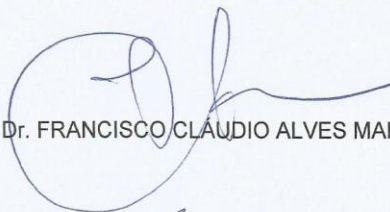
LETÍCIA FERNANDA DA SILVA OLIVEIRA

DE MÁRTIR A MERETRIZ: Figurações da mulher na Literatura
de Cordel (1900-1930)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para a
obtenção do título de Mestrado Acadêmico
em LETRAS (Área de Conhecimento:
LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 10/02/2017

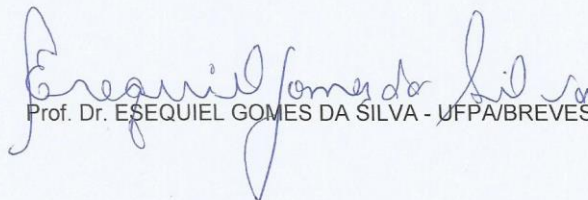
COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES - UNESP/ASSIS



Membros: Profa. Dra. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI - UNESP/ASSIS



Prof. Dr. ESEQUIEL GOMES DA SILVA - UFPA/BREVES

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Cláudio Alves Marques, ao qual serei sempre grata não só pelo apoio e o carinho durante esta trajetória, mas pelo fato de que no passado foi ele quem me instigou a adentrar no mundo dos folhetos e também a trabalhar com a temática feminina. Foi através de seu incentivo que pude encontrar os caminhos que mais me satisfazem enquanto pesquisadora. Agradeço também a disponibilidade, o respeito e a paciência que teve comigo durante a Iniciação Científica e o Mestrado. Sinto-me realizada de poder trabalhar ao lado de um profissional tão competente, generoso e humano quanto ele.

Aos professores Dra. Gabriela Kvacek Bettela e Dr. Rubens Pereira dos Santos, profissionais competentes de quem pude me aproximar durante estes anos e que se tornaram pessoas por quem nutro carinho e admiração imensos. À professora Dra. Cleide Antônia Rapucci, que participou de minha qualificação e por meio de seu olhar e sugestões pôde me auxiliar a melhorar alguns pontos do trabalho. Ao querido professor Dr. Esequiel Gomes da Silva, que aceitou o nosso convite para compor a banca da defesa.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter viabilizado a produção desta dissertação.

Nada disso seria possível sem a ajuda de meu pai, José Mário de Oliveira, que acreditou no meu sonho de cursar Letras e custeou minha estadia em Assis durante a Graduação. Além disso, o seu apoio sempre foi incondicional. Sempre serei grata e sua eterna devedora.

Agradeço também à minha mãe, Márcia Gil da Silva, que me serve como exemplo para ser sempre uma pessoa e uma profissional melhor, e que nos momentos mais difíceis desta trajetória esteve ao meu lado, me incentivando.

À minha irmã, Nathália Cristina da Silva Oliveira, minha melhor amiga, que infelizmente não estará presente no momento de minha defesa. Ela e meu cunhado, André Roberto da Silva, fizeram-se presentes durante estes anos, mesmo morando do outro lado do continente. Admiro muito a coragem que tiveram de deixarem tudo para trás em busca de seus sonhos.

Às minhas amigas de quatro patas, Belinha, que está comigo há tantos anos que já não imagino a vida sem seu mau humor e o jeito ranzinza de demonstrar amor, e a querida Nina, que veio para me ensinar como a vida é efêmera.

Agradeço também a minha querida amiga, Bárbara Laís Falcão da Silva Cação, que além de dividir comigo a paixão pelos folhetos, também dividiu todas as angústias e as alegrias deste processo. Foi por meio de nossos diálogos que momentos como os que vivemos tornaram-se um pouco menos indigestos.

Ao amigo Leonardo Dallacqua de Carvalho, que dividiu comigo vários momentos durante esta trajetória, desde o processo seletivo até a conclusão da dissertação. É, sem dúvidas, um dos profissionais mais competentes que conheço e uma das pessoas mais verdadeiras também, e mesmo com os pequenos atritos que tivemos, sempre mostra ser uma pessoa indispensável em minha vida. Além disso, várias vezes ele e sua namorada, Thaís Yumi Shinya, me receberam de portas abertas em sua casa quando precisei permanecer em Assis e serei sempre grata.

Às amigas Mariana Pereira Dermindo e Tamires Wedekim de Toledo, com quem dividi não somente os anos que vivi em Assis, mas um lar, e que assim se tornaram minhas irmãs de alma e coração. Foi com elas que conversei sobre as incertezas do começo desta caminhada, sobre o meu amor pela literatura, e também sobre os próprios anseios destas em relação à Psicologia, área de formação de ambas.

Aos amigos Alexandre Ribeiro da Silva, Rafael da Silva Gandolfo e Olivia Reis Nhochi, que comigo formam o nosso quarteto especial, e que mesmo distantes se fazem presentes, com uma amizade e amor que não mudam. Ao amigo Thiago Tadeu Silva Polizei, que fez das visitas à Assis melhores. Às amigas que restaram do período que precedeu a minha graduação e que são as únicas indispensáveis, Fernanda Oliveira e Vitória Cristina Oliveira da Silva. Aos meus queridos amigos “virtuais”, Gabriela Dias Forner Bonetti e Leonardo Paes Dias Fernandes, que foram presentes que o acaso me deu, e que tornaram a vida um pouco mais fácil de lidar.

O valor de uma boa crônica cordeliana não reside só no fato de documentar um acontecido, e sim no fato de, ao fazê-lo, criar com palavras um retrato inesquecível.

(Mark Curran)

OLIVEIRA, Letícia Fernanda da Silva. *De mártir a meretriz: Figurações da mulher na Literatura de Cordel (1900-1930)*. 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

RESUMO

Como forma de entender as representações femininas no âmbito da Literatura de Cordel do começo do século XX, este trabalho visa investigar as faces dicotômicas utilizadas pelos poetas pioneiros em seus versos, que em consonância com o pensamento vigente da época, calcaram tais imagens em estereótipos patriarcais. Em seus retratos cabia à mulher papéis opostos, sendo mostrada como santa ou pecadora, submissa ou emancipada, de acordo com os arquétipos de Maria ou Eva/Lilith. Por meio de uma análise literária e antropológica buscamos, então, relacionar o *corpus* de folhetos selecionados com o contexto vivido pelos poetas como forma de compreender tais posturas, haja vista que estes vivenciavam um período em que ocorreram profundas transformações sociais e que, em decorrência disso, as mulheres começavam a desfrutar de novas liberdades. O fato de as mulheres nordestinas passarem a ser vistas em público, aderindo à moda e aos modelos de sociabilidade franceses, faz com que se tornem alvo de críticas por parte dos poetas, os quais corroboravam o discurso da sociedade conservadora da época.

Palavras-chave: Mulher. Literatura de Cordel. Patriarcalismo. Arquétipos. Estereótipos.

OLIVEIRA, Leticia Fernanda da Silva. *From martyr to prostitute: the female figure in Cordel Literature (1900-1930)*. 2017. 192 f. Dissertation (Master's thesis in Language and Literature). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

ABSTRACT

As a way to better understand female representation in Cordel Literature at the beginning of the 20th century, this thesis aims to investigate the dichotomous faces used to portray women by the pioneering poets of the genre. As this work was in consonance with the popular concepts of that time, the images depicted patriarchal stereotypes. In their portraits, women had opposing roles and were being demonstrated as a saint or a sinner, submissive or dominated, that fell into the stereotypical archetypes of Mary or Eva/Lilith. Through a literary and anthropological analysis, we aim to relate the *corpus* of selected brochures with the context lived by these poets as a way to understand their behavior. If we are to consider that the authors lived in a period when profound social transformations happened and, as a result, women began to enjoy new liberties. The fact that women from the northeast could be seen in public, follow fashion trends, and adhere to the French society model, made them a target of criticism by the poets, who corroborated the speech of the conservative society of that time.

Keywords: Woman. Cordel literature. Patriarchy. Archetypes. Stereotypes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - A FORMAÇÃO DO NORDESTE E O PATRIARCALISMO	19
1. O “macho” como tipo dominante	19
2. A hibridez étnico-cultural brasileira	22
3. A presença oriental na cultura e na formação do elemento nacional	31
CAPÍTULO II - A MULHER NO CONTEXTO DO PATRIARCALISMO	36
1. Considerações sobre o patriarcado	36
2. Os perigos da emancipação feminina	41
CAPÍTULO III - A POESIA POPULAR BRASILEIRA	53
1. Oralidade, memória e originalidade	53
2. Cultura popular: algumas considerações em torno do conceito	57
3. Escrituras vindas do além-mar	60
4. O surgimento de uma forma de expressão popular brasileira	63
4.1. Folhetos tradicionais e folhetos de circunstância	68
CAPÍTULO IV - OS POETAS PIONEIROS E SUAS PRODUÇÕES	71
1. Os narradores orais	71
1.1. Leandro Gomes de Barros	73
1.2. Francisco das Chagas Batista	81
1.3. João Martins de Ataíde	84
2. Semelhanças e contrastes entre as temáticas trabalhadas pelos poetas	86
3. Estudiosos da Literatura de Cordel.....	87
CAPÍTULO V - A ATUAÇÃO DAS MULHERES EM SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS.....	89
1. As protagonistas figurantes da história brasileira.....	89
2. As protagonistas exemplares	92
2.1 Porcina, Genevra, Esmeraldina e Genoveva: Mulheres castas caluniadas de adultério.....	93
2.2 Teodora: O arquétipo da donzela com inteligência superior.....	102
2.3 Princesa Beatriz, a Magalona nordestina: O arquétipo da noiva fiel.....	106
2.4 Alzira: arquétipo da mulher sofredora.....	110
2.5 A Princesa da Pedra fina: o arquétipo da mulher prestativa.....	115

CAPÍTULO VI - DONAS DE SI	119
1. As protagonistas figurantes	119
1.1. A esposa e o casamento	121
1.2. A mulher transviada.....	132
1.3. A sogra.....	140
1.4. A mulher pública	148
 CAPÍTULO VII - UMA MULHER ADENTRA O MUNDO DOS FOLHETOS	158
1. Descobrir-se poetisa em um contexto patriarcal.....	158
2. Os folhetos de Maria das Neves	166
2.1. A mulher bondosa.....	167
2.2. A mulher interesseira.....	170
2.3. A mulher honesta.....	174
 CONCLUSÃO.....	179
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	182

INTRODUÇÃO

A Literatura de Cordel nordestina, herdeira das diversas tradições europeias, tanto eruditas como populares, revela um tipo particular de visão de mundo que vinha sendo moldada no continente europeu desde a época das Descobertas. Entre as infinitas particularidades que os poetas buscavam retratar em seus poemas, são delineadas representações multifacetadas da figura feminina, em que ora são caracterizadas de acordo com arquétipos tradicionais, emprestados da literatura de folhetos europeia, ora através de estereótipos que foram moldados no interior de crenças e costumes e que foram se firmando no imaginário coletivo.

Nesta pesquisa investigamos as diversas representações femininas nos folhetos de cordel produzidos pelos poetas Leandro Gomes de Barros, João Martins de Ataíde, Francisco das Chagas Batista, José Galdino da Silva Duda e Altino Alagoano, pseudônimo de Maria das Neves Batista Pimental, todos escritos entre 1900 e 1930. O período delimitado é relevante para nossa pesquisa porque é neste que as ideias republicanas começam a ser difundidas por todo o país. Dentre essas ideias, destacam-se aquelas que propõem novos paradigmas de sociabilidades para o brasileiro, oriundos, sobretudo, da Europa e mais especificamente da França. Nesse cenário, destacam-se revistas femininas e almanaques que ajudam a divulgar a moda europeia no Brasil, incentivando as mulheres a adotar novos modelos de sociabilidades e novos modos de vestir e de se apresentar em público, e assim, mergulhar na modernidade pensada pelos idealizadores da República.

De acordo com Marques e Silva (2014, p. 146), nas primeiras décadas da República, as ruas das principais capitais brasileiras, sobretudo do Rio de Janeiro e do Recife, reurbanizadas nos moldes da Paris haussmanniana e bafejadas pela febre de cosmopolitismo que investia a Europa, ofereciam-se às mulheres como passarelas onde podiam exibir seus modelos imitados ou importados, principalmente de Paris. A iconografia e os anúncios veiculados pelas revistas e periódicos ilustrados da época, como o *Almanach de Pernambuco* e a revista *Kosmos*, por exemplo, testemunham a maciça presença de franceses no Rio e em Recife, proprietários de lojas e *maisons* interessados em atender às demandas do público republicano. Apesar da forte adesão dos brasileiros aos modelos europeus de sociabilidade, as classes menos favorecidas, por meio da literatura popular, manifestavam certa resistência a essas mudanças nos

costumes e na indumentária, principalmente no Nordeste, onde ainda reinava resquícios da mentalidade e da moral católica e patriarcal.

Nesta região, e principalmente em Pernambuco, onde as mulheres dão início a um tímido e incômodo – para os homens – processo de emancipação, viabilizado pelo trabalho nas fábricas de fumo, alguns poetas populares empreendem a produção de uma série de folhetos criticando a conduta daquelas que aderiam à moda e aos novos costumes. Como resposta a essa incômoda adesão, os mesmos poetas produzem folhetos que reproduzem a vida de santas e mártires medievais como modelos de conduta para as mulheres do sertão. Tais histórias, embora mantivessem a estrutura original, pois tinham sido escritas na Europa medieval, acabavam ganhando novos significados ao serem revitalizadas e aclimatadas à realidade do sertão nordestino. Aqui, espera-se que as mulheres nordestinas se identifiquem com as histórias de mulheres exemplares medievais e lhes copiem a conduta.

As narrativas reeditadas pelos poetas populares brasileiros passam a funcionar como uma espécie de cartilha da moral sertaneja, cumprindo assim, uma função didático-moralizante. De acordo com Walter Benjamin (1994, p. 200), a tarefa de transmitir ensinamentos morais é algo que vem sendo cultivado desde os primeiros narradores. Herdeira da tradição medieval de contar histórias, a literatura de cordel, desde os primórdios, permite que um narrador conte suas experiências e, através dessa ação, transmita um ensinamento moral, um provérbio, uma sugestão prática, uma norma de vida, um modelo de conduta.

Na família patriarcal nordestina exige-se que a mulher seja um exemplo de virtude, então os folhetos advogam a favor dessa causa. Para chegarmos a essa conclusão preliminar, analisamos alguns poemas escritos no período delimitado e que traçam um perfil das mulheres que começam a se emancipar, sendo por esse motivo rotuladas de “mundanas”, meretrizes. A partir da leitura de tais folhetos podemos perceber que narrativas exemplares como a da Imperatriz Porcina e a de Dona Genevra, reeditadas no sertão, ganham novos contornos morais e sociais.

O *corpus* que compõe nosso estudo é composto de vinte e quatro folhetos escolhidos de acordo com a temática que desenvolvem. Assim, analisamos os seguintes cordéis escritos por Leandro Gomes de Barros: *Os martírios de Genoveva* (s. d.), *A donzela Teodora* (2005), *Os sofrimentos de Alzira* (1919), *O peso de uma mulher* (1915), *Mulher em tempo de crise* (s. d.), *As consequências do casamento* (1910), *A mulher na rifa* (s. d.), *O casamento de um velho e o desastre na festa* (1913), *As saias-*

calções (1911), *O Bataclan moderno* (1953), *As cousas mudadas* (s. d.), *Vacina para não ter sogra* (s. d.), *A sogra enganando o Diabo* (2004), *A alma de uma sogra* (2004) e *Meia noite no cabaré* (1976). De João Martins do Ataíde analisamos: *História de Imperatriz Porcina* (1964), *A fugida da Princesa Beatriz com o Conde Pierre* (1954), *A Princesa da Pedra Fina* (1973) e *Namoro de um cego com uma melindrosa da atualidade* (1976). De Francisco das Chagas Batista e José Galdino da Silva Duda: *História de Esmeraldina: tragédia célebre* (s. d) e *História de D. Genevra* (1959), respectivamente. E, por fim, os folhetos escritos por Maria das Neves Batista Pimentel, a primeira brasileira cordelista: *O corcunda de Notre Dame* (1935), *O amor nunca morre* (1938) e *O violino do Diabo ou O valor da Honestidade* (1938).

Estes folhetos retratam dicotomicamente a figura feminina, estabelecendo que a mulher ocupará sempre uma posição antagônica à do homem, mesmo quando retratada positivamente. Sendo assim, nosso objetivo geral é analisar e identificar as diversas maneiras como as mulheres aparecem no imaginário dos poetas de cordel da Primeira República, que, de acordo com a conduta de cada uma, ora serão vistas como seres exemplares, ora como algo a ser renegado. Buscamos, então, elencar os arquétipos que se firmam nos folhetos tradicionais reelaborados a partir de narrativas importadas da Europa medieval, os quais geralmente reproduzem histórias repletas de imagens de mulheres castas e de boa conduta. Em contrapartida, analisamos também folhetos em que as mulheres que destoam deste modelo de conduta são satiricamente alvejadas. Nos cordéis que satirizam as mulheres em vias de emancipação, percebemos o apelo a imagens de anti-heroínas, de mulheres faladeiras, ardilosas e falsas, nominadas simplesmente Marias, nos folhetos, e acostadas às arquetípicas figuras de Eva ou Lilith.

Leandro Gomes de Barros, no folheto *Consequências do casamento*, de 1910, concebe a mulher como uma verdadeira vilã, que utiliza meios ilícitos para conquistar o homem e levá-lo ao casamento: “Por forte que seja o homem,/ Casando perde a façanha,/ Mulher é como bilhar,/ Tudo perde e ele ganha,/ Porque a mão da mulher,/ Em vez de alisar arranha” (1910, p. 1). No folheto *O casamento do velho e um desastre na festa*, de 1913, Leandro compara a mulher aos profissionais liberais que, na sua concepção, só estão interessados no dinheiro de seus clientes: “[...] a mulher/ É sempre um volume pesado/ Deus me livre de mulher/ De médico e advogado./ O médico faz do doente,/ Um sítio de plantação/ A mulher faz travesseiro/ Da algibeira de um cristão...” (1913, p. 3).

No contexto da família patriarcal nordestina exige-se que a mulher seja o exemplo da virtude: as esposas devem ser fiéis ao marido; as filhas devem conservar sua integridade himenal até o dia do casamento. A sociedade patriarcal exigia da mulher uma única postura, uma só conduta: que cumprisse seus deveres de dona de casa e que não se enfeitasse, pois qualquer mudança em seu vestuário era condenável.

Os poetas que reescrevem a história da casta Imperatriz Porcina são os mesmos poetas conservadores que relutaram frente à emancipação das mulheres no começo do século XIX. No folheto *As saias-calções*, de 1911, Leandro Gomes de Barros reforça sua postura conservadora relativa à inversão dos papéis sexuais na época: “O mundo está às avessas,/ As coisas não vão de graça,/ Homem raspando bigode,/ E mulher vestindo calça,/ Isso é um pau com formigas,/ Um banheiro com fumaça” (1911, p. 1).

Leandro Gomes de Barros, um dos autores mais prolíficos de toda a literatura de folhetos, também revela certa indignação com a ousadia das mulheres no que se refere à moda, em *O Bataclan moderno*, folheto reeditado até hoje:

Mundo velho desgraçado
 Teu povo precisa um freio,
 Para ver se assim melhora
 Este costume tão feio
 De uma moça seminua
 Andar mostrando na rua
 O sovaco a perna o seio.
 [...]
 As senhoritas de agora
 É certo o que o povo diz,
 Não há vivente no mundo
 Da sorte tão infeliz;
 Vê-se uma mulher raspada
 Não se sabe se é casada,
 Se é donzela ou meretriz. (ATAÍDE¹, 1953, p. 2)

Em seu folheto *As cousas mudadas*, Leandro Gomes de Barros mostra-se incomodado com as mudanças de atitudes e as transformações ocorridas no vestuário feminino. O aspecto físico entre homens e mulheres chega a ser confundido: a nova moda de cabelo curto e o uso de calças compridas, indistintamente, por senhoras e senhoritas, escandalizava os homens, causando indignação e até uma certa confusão: “Hoje se vê uma moça,/ Ninguém sabe se é rapaz/ Anda com calça e chapéu,/ Pouca

¹ A *Bibliografia Prévia de Leandro Gomes de Barros*, de Sebastião Nunes Batista, considera Leandro o autor deste poema.

diferença faz,/ Vê-se até calças de velhos/ Com braguilhas para traz” (BARROS, s. d, p. 1).

Durante esta pesquisa buscamos compreender os motivos que levaram os cordelistas a dedicarem tantos versos às personagens que permaneciam na marginalidade das representações literárias e historiográficas oficiais. E uma das conclusões preliminares a que chegamos é que como o poeta retratava o seu cotidiano e procurava agradar seu público leitor/ouvinte, as mulheres eram uma parte essencial de seu público, pois ao entrarem em contato com a ideologia reproduzida nos folhetos, deveriam refletir sobre suas próprias condutas.

Quando começamos a delimitar qual seria o objeto de estudo desta dissertação, analisar as representações da figura feminina na literatura de cordel brasileira, concluímos que este era um estudo necessário para entendermos uma postura relativa à mulher hoje entendida como misógina. Chegamos à conclusão de que nossas análises seriam feitas a partir de um viés não somente literário, mas também antropológico, e por tal motivo nos dedicamos a entender também um pouco mais o Nordeste daquele período e o que era ser nordestino e, sobretudo, mulher, naquele contexto, com vistas a esclarecer se a postura dos poetas de cordel com relação à mulher é “machista”, misógina, ou se esta é uma tomada de posição anacrônica com relação aos poetas nordestinos do começo do século XX.

Recorremos a diversos teóricos importantes para a fundamentação das hipóteses aqui apresentadas: Michelle Perrot (2005, 2007) e Mary Del Priore (2004, 2011), historiadoras fundamentais para investigar as lacunas na historiografia das representações femininas; Simone de Beauvoir (2009), e Virginia Woolf (2014), que tecem relevantes considerações acerca do feminino; Gilberto Freyre (2006a, 2006b), Darcy Ribeiro (2006) e Alfredo Bosi (1992), necessários para a compreensão de particularidades da formação do Brasil colonial e do papel social da mulher neste contexto; Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2003, 2011) e suas reflexões sobre o Nordeste e o ser nordestino; Silvano Peloso (1988, 1996), Jerusa Pires Ferreira (2003, 2014) e Paul Zumthor (1993), fundamentais para a compreensão dos caminhos da tradição e da oralidade percorridos pela literatura; Luís da Câmara Cascudo (1953, 1984) e seus prolíficos estudos sobre a literatura popular brasileira; Mikhail Bakhtin (1987) e Vladimir Propp (1992) como forma de compreender o tratamento satírico dado à mulher.

Esta dissertação é composta de sete capítulos, ordenados da seguinte maneira: o primeiro é intitulado “A formação do Nordeste e o patriarcalismo”, em que iniciamos um percurso histórico como forma de compreender a formação do complexo cultural brasileiro, desde os primeiros anos da colonização, e também apuramos como o papel feminino foi fundamental durante nesse período. Desta forma, investigamos como o brasileiro se tornou o resultado de uma confluência de características e tradições indígenas, africanas, europeias e orientais.

No segundo capítulo, intitulado “A mulher no contexto do patriarcalismo”, buscamos investigar e retratar o que era, e o que é, o “ser mulher” no interior do sistema patriarcal. A maneira como o fator biológico era responsável por todo um destino traçado desde o nascimento e do qual a maioria das mulheres jamais poderia fugir. Dentro do horizonte de expectativas feminino, ser mãe era o ápice de sua vida, e para isso era necessário que estivesse casada, recebendo as bênçãos divinas. Além disso, tentamos entender a posição da mulher também como filha, esposa, freira e “solteirona”.

No terceiro capítulo, “A poesia popular brasileira”, abordamos não somente a literatura popular, mas também os caminhos que foram percorridos pelas matrizes escritas tradicionais e de que maneira aportaram em terras brasileiras. Há também neste capítulo reflexões sobre o que caracteriza a cultura popular e como os desdobramentos da oralidade e da memória servem como alicerce para a sua construção.

No quarto capítulo, “Os poetas pioneiros e suas produções”, exploramos a biografia dos três principais cordelistas do começo do século XX: Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Ataíde. Foram figuras de fundamental importância no contexto nordestino republicano pelo fato de terem dado voz ao povo por meio de seus escritos, afrontando os poderosos e a cultura hegemônica.

No capítulo “A atuação das mulheres em suas próprias histórias” traçamos um breve retrato das mulheres brasileiras que se destacaram dentro da nossa história, porém, tais personagens permaneceram sempre à sombra dos homens, sendo estes seus companheiros ou representantes no poder. Neste capítulo também iniciamos as análises dos folhetos selecionados e que retratam as mulheres como protagonistas exemplares, modelos de honra e de virtude. Tais protagonistas são espelhadas em arquétipos tradicionais, oriundos da tradição europeia e oriental.

“Donas de si” é o capítulo que dá prosseguimento à análise dos folhetos, sendo que aqui são contemplados os chamados “folhetos de circunstância”. Estes retratavam a

atualidade do que viviam os poetas e em sua maioria trazem críticas ao novo governo que havia se instalado, bem como às mudanças dos costumes que começavam a atrair a atenção das mulheres. Ao satirizarem as personagens femininas que destoam da moral vigente, usam como alicerce para as suas construções estereótipos negativos secularmente fincados no imaginário coletivo.

O último capítulo, intitulado “Uma mulher adentra o mundo dos folhetos”, elenca traços biográficos seguidos da análise dos folhetos produzidos por Maria das Neves Batista Pimentel, a primeira cordelista mulher. Para que fosse aceita pelo público, utiliza como pseudônimo o nome de seu marido, Altino Alagoano. Mesmo utilizando uma máscara protetiva contra o preconceito, Maria das Neves subverte a hegemonia masculina vigente ao lançar-se como poeta, embora em seus versos reafirme alguns valores tipicamente patriarcais.

CONCLUSÃO

Durante a realização desta pesquisa buscamos analisar de que maneira foram feitas as construções das figuras femininas, não somente no âmbito da literatura de cordel brasileira, mas também do ponto de vista da historiografia, que sempre as deixou à margem de suas representações. No âmbito da cultura oficial, as vozes femininas permaneceram, durante séculos, sendo apenas um eco do que dizia a hegemonia masculina, e quando as mulheres passam a proferir seus próprios discursos e mostrar seus valores, começam, então, a enfrentar a resistência e a maledicência masculinas.

Em seus versos, os poetas de cordel buscavam construir uma figura feminina modelar, em seus aspectos mais positivos, aprovados pela tradição e previstos nos dogmas católicos. Em contrapartida, nos versos satíricos, figuras femininas moralmente reprovadas apresentavam-se como exemplos que não deviam ser imitados. Portanto, os folhetos de cordel, em especial os de início do século XX, se configuravam uma espécie de cartilha didático-moralizante na qual a comunidade devia buscar modelos de conduta que deviam ou não ser seguidos. Dentre todos os valores que buscavam reafirmar, nos folhetos que analisamos, não há dúvidas de que o maior deles seria o incentivo à submissão feminina. Para atender a seus próprios princípios morais, os poetas de cordel revitalizam arquétipos emprestados das narrativas tradicionais cujos estereótipos de virtude e resignação habitavam o imaginário coletivo há séculos.

Como destacamos ao longo da pesquisa, as mulheres descritas pelos poetas de cordel podem ser enquadradas em duas categorias: as protagonistas exemplares e as protagonistas figurantes. Pudemos constatar que as protagonistas exemplares são aquelas construídas como modelos a serem seguidos, à imagem da Virgem Maria, representando os valores e princípios aliados ao pensamento da Igreja e ao regime patriarcal, restando-lhes apenas desempenhar os papéis de esposa e mãe. Nestes folhetos pudemos também verificar a persistência de uma temática: a acusação de adultério que acaba por desencadear a fé como tábua de salvação para a mulher caluniada. Estão sempre em oposição o egoísmo daqueles que buscam avantajar-se e o altruísmo das protagonistas, que aceitam passivamente o que o destino lhes impõe. Tais protagonistas

são nominadas e possuem, no enredo de suas histórias, diversas características e particularidades positivas. Porém, nestes cordéis, quase que em sua maioria, a presença feminina é objetificada, e nestes casos as mulheres acabam perdendo a própria individualidade e passam a ser tratadas como objeto de posse, de modo que suas qualidades acabam sempre ficando em segundo plano, ou completamente ofuscadas.

As que consideramos protagonistas figurantes são aquelas descritas com base em estereótipos femininos negativos. Tais personagens são construídas totalmente à margem da dogmática patriarcal e católica. Além disso, representam espécies de esboços femininos, em que o foco não é quase nunca a personagem, mas sua conduta reprovável, como se fossem usadas apenas como pretexto para as costumeiras lições moralizantes. Não são dotadas de voz, nem nominadas, diferentemente das mulheres exemplares. Ao contrário destas, que aceitam passivamente o destino que lhes é imposto, as mulheres estigmatizadas no cordel são aquelas que fazem valer as suas próprias vontades e individualidades. Apesar de agirem de maneira considerada ousada para a época e para a comunidade, sobressaindo-se efetivamente como protagonistas de suas próprias histórias, utilizamos o termo figurantes como forma de firmar que elas eram tratadas dessa forma pelos poetas de cordel por não se encaixarem nos modelos moralmente aceitos, e qualquer indivíduo que destoasse do que era considerado correto seria prontamente marginalizada.

As imagens construídas pelos poetas são sempre ambíguas ou multifacetadas, gravitando em torno da dicotomia virtude x vício, recato x depravação, castidade x voluptuosidade, decência x prostituição, lealdade x infidelidade, honra x libertinagem, pudor x indecência.

Os folhetos aqui analisados, tanto os que recorrem às temáticas tradicionais como os circunstanciais, utilizam a aparência física da mulher como base para a construção de suas imagens. Se por um lado a mulher jovem e branca – sinônimo de pureza – representa qualidades positivas e ideais, por outro as mulheres velhas e negras passam a representar o oposto daquelas, tornando-se alvo de construções cômicas com vistas a suscitar o riso. A vestimenta, tanto masculina como feminina, se fora do canônico, também se tornam alvo recorrente de sátira, servindo como pretexto para críticas moralizantes.

Sendo a literatura de cordel do começo do século XX quase que exclusivamente monopolizada pelos homens, era natural que reproduzissem os valores patriarcais que moldavam aquela sociedade. Porém, como afirma Heleieth Saffioti (2013, p. 249), era

também habitual que as mulheres fossem até mais conservadoras do que os homens, considerando que tais valores eram imprescindíveis para os membros daquela sociedade. Um exemplo disso, e que citamos neste trabalho, é Maria das Neves Batista Pimentel, a primeira mulher a romper as barreiras masculinas da produção dos folhetos de cordel, mas que, apesar da ousadia incomum, reafirma em seus versos os valores patriarcais vigentes, sem, contudo, buscar se aproximar de temáticas que incitassem a emancipação feminina ou que contrariassem os costumes instituídos.

Podemos afirmar também que são nos folhetos de circunstância que os traços da subjetividade dos poetas se mostram mais presentes. Como possuíam o papel fundamental de “traduzir” para o público a realidade do contexto social e histórico que viviam, é por meio de suas sátiras e alegorias, marcadamente moralizantes, que os vieses de seus próprios pensamentos transparecem, retratando as mudanças sociais que não agradavam a eles e nem às camadas populares. É por meio de seus olhares que os comportamentos dissonantes são expostos. Ora os poetas retratam as mulheres de maneira idealizada, com encantamento, ora com uma visão pessimista ou derrisória. Nos folhetos que recorrem às temáticas tradicionais, a subjetividade dos poetas é que auxilia na modernização das temáticas herdadas, tornando-os palatáveis ao leitor/ouvinte.

A função social do poeta vai, portanto, muito além do fato de simplesmente oferecer entretenimento ao público. Por meio de suas construções imagéticas não só interpretam à sua maneira o cotidiano e a sociedade, mas passam a desempenhar o papel de porta-vozes de uma comunidade com as quais compartilha os mesmos valores e crenças, as mesmas histórias e os mesmos sonhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia Azevedo de. *História de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. In: *Sociedade e Estado*, vol. 15, n. 2, p. 303-330, Brasília, Junho/Dezembro, 2000.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino*. Maceió: Catavento, 2003.

ANTONACCI, Maria Antonieta. “No corpo-a-corpo letra, voz, imagem: cultura e memória na literatura de folhetos”. In: CHIAPPINI, Lúcia e BRESCIANI, Maria Stella (Orgs.). *Literatura e cultura no Brasil: Identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 311-324.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Unb, 1987.

BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XX*. Trad. de Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BASSANEZI, C. S. B. et al. *A mulher na Idade Média*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENJAMIN, Roberto. João Martins de Athayde. Disponível em: <http://www.casarui Barbosa.gov.br/cordel/JoaoMartins/joaoMartinsdeAtaide_biografia.html>. Acesso em: 08/06/2016.

BENJAMIN, Walter. *Mágica e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 1.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Trad. Ivone C. Benedetti, Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAGA, Gabriel Ferreira. *Entre o fanatismo e a utopia: a trajetória de Antônio Conselheiro e do beato Zé Lourenço na literatura de cordel*. Mestrado Acadêmico em História, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa – 1500-1800*. Trad. Denise Bottman, 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos poetas populares do Nordeste*. Recife: MEC/INEP, 1959.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. *Contos tradicionais do Brasil*. 10. ed. Rio de Janeiro: Global, 2001.

_____. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984

_____. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COINCI, Gautier de. *Les miracles de Nostre Dame*. Genève/Droz: Frédéric Koenig, 1966.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. *Retrato do Brasil em cordel*. Cotia, SP: Ateliê, 2011.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAVID, Sérgio Nazar (Org.). *As mulheres são o diabo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. (Coleção Clepsidra).

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto; São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

_____. *Histórias íntimas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FAUSTO NETO, Antonio. *Cordel e a ideologia da punição*. Petrópolis: Vozes, 1979.

FARES, Mohamad A. A. *Condição da mulher na religião muçulmana*. Curitiba: edição do autor, 1988.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia, SP: Ateliê, 2003.

_____. *Matrizes Impressas do Oral: Conto russo no sertão*. Cotia, SP: Ateliê, 2014.

FREITAG, Léa Vinocur. A Empregada doméstica e o Folclore. In: *Revista Brasileira de Folclore*, n. 23, p. 5-14, jan./abr. 1969.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Nordeste: Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

_____. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Record, 1968.

_____. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*; São Paulo: Global, 2006.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel (1900-1940). In: *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero - 7*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006, v. 1.

_____. Os folhetos nordestinos: literatura e história. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento Histórico e Diálogo Social, 2013, Natal. *Anais eletrônicos*. Recife: ANPUH (Associação Nacional de História), 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364409434_ARQUIVO_Textocompletoparaenviar.pdf> Acesso em: 03/06/2016.

HAHNER, June E. *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850 – 1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Caline G. de Oliveira. *A mulher na literatura de cordel: uma abordagem léxico-semântica*. Dissertação de Mestrado, UFPA, 2006.

LINS, Regina Navarro. *O livro do amor, volume 1*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

_____. *O livro do amor, volume 2*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARQUES, Francisco C. A. *Um pau com formigas ou O mundo às avessas: A sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2014.

MARQUES, Francisco C. A.; SILVA, Esequiel G. Peias e espartilhos: sátira popular à moda francesa na Primeira República. In: *Boitatá. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL*. Londrina, n. 17, jan./jul. 2014, p. 146-158.

MAXADO, Franklin. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: Codecri, 1980. (Coleção Alternativa, vol. 04).

MAYA, Ivone da S. R. *O poeta de cordel e a Primeira República: a voz visível do popular*. Dissertação, Mestrado Profissionalizante em História Política, Bens Culturais e Projetos Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

MEDEIROS, Hugo A. V. Melindrosas e almofadinhas: relações de gênero no Recife dos anos 1920. In: *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 93 – 120, jul. / dez. 2010.

MELETINSKI, E. M. *Os arquétipos literários*. Trad. Aurora F. Bernardini et al., 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2002.

MENDONÇA, Maristela Barbosa de. *Uma voz feminina no mundo do folheto*. Brasília: Thesaurus, 1985.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2013.

MOTA, Leonardo. *Cantadores*. Poesia e linguagem do sertão cearense. 5. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

_____. *Sertão alegre*. Poesia e linguagem do sertão cearense. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.

NASCIMENTO, A. C.; MELO, A. V. da S. Melindrosas em revista: Gênero e sociabilidades do início do século XX (Recife, 1919-1929). In: *História Revista*, Goiânia, v. 19, n. 3, p. 12 – 31, 2014.

OLIVEIRA, Anderson J. M de. Corpo e santidade na América Portuguesa. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 45-68.

PAIVA, Eduardo França. Corpos pretos e mestiços no mundo moderno – deslocamento de gentes, trânsito de imagens. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 69-106.

PAIVA, Vera. *Evas, Marias, Liliths*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PELOSO, Silvano. *Medioevo nel sertão: Tradizione medievale e archetipi della letteratura popolare nel Nordeste del Brasile*. Napoli: Liguori Editore, 1988.

_____. *O canto e a memória: História e utopia no imaginário popular brasileiro*. São Paulo: Ática, 1996.

PEREIRA, Aparecida Perin. et al. *Literatura de cordel*. Lins, SP: Faculdade “auxilium” de Filosofia, Ciências e Letras, 1975.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Mulheres públicas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 2004.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. 3. ed. Rio de Janeiro: Plurarte, 1982.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade, São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna P. Sarhan, Rio de Janeiro: Forense, 1984.

QUEIROZ, Doralice Alves de. *Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel*. Mestrado Literatura Brasileira, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo. Feminismo e (pós)modernidade no Brasil. In: *Cadernos AEL*, n. 3/4, p. 1-33, 1995/1996.

_____. Feminizar é preciso: Por uma cultura filógina. In: *São Paulo em Perspectiva*, v. 15, n. 3, p. 53-66, 2001.

_____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto; São Paulo: Editora da UNESP, 2004, p. 11-44.

RAPUCCI, Cleide Antonia. *Mulher e deusa: a construção do feminino em Fireworks* de Angela Carter. Maringá: Eduem, 2011.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROIPHE, Alberto. *Forrobodó no sertão: leitura verbovisual de folhetos de cordel*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2013.

ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1985.

ROVEDO, Salomão. *Literatura de Cordel: O poeta é sua essência*. Rio de Janeiro, 2009, p. 238. Disponível em: <https://archive.org/stream/LiteraturaDeCordel/SalomoRovedo-LiteraturaDeCordel#page/n0/mode/2up>. Acesso em: 10/10/2015

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. *Gênero patriarcado violência*. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini, São Paulo: Hucitec, 2008.

SANT'ANA, Elma. *A cavalo, Anita Garibaldi*. Porto Alegre: Age, 1993.

SEGRE, Cesare. *As estruturas e o tempo*. Trad. Silvia Mazza e J. Guinsburg, São Paulo: Perspectiva, 1986.

SILVA, José Itamar Sales da. *A Representação da Sogra na Literatura de Cordel*. Campina Grande: Latus, 2011.

SILVA, Vera Lúcia de Luna. O feminino na ótica de Leandro Gomes de Barros. In: *Revista Cultura Crítica*, São Paulo, v. 06, p. 59-65, 2º semestre de 2007.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

STAM, Robert. *Bakhtin: Da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.

TAVARES JÚNIOR, Luiz. *O mito na Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

TERRA, Ruth B. L. *Memória de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste, 1893-1930*. São Paulo: Global, 1983.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Alaúde/Selo Tordesilhas, 2014.

XAVIER, Elodia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. In: *Mulheres e Literatura*, v. 3, 1999. Disponível em: http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/volume3/31_elodia.html. Acesso em: 23 ago. 2004.

ZOLIN, Lucia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2 ed. Maringá: Eduem, 2005, p. 181-203.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Dicionários

HIRATA, Helena et al. (Orgs.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0 [CD-ROM]. 2009.

PAVIS, Patrice. *Dicionário do teatro*. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira, 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Relação dos folhetos citados

ALAGOANO, Altino (Maria das Neves Batista Pimentel). O amor nunca morre. In: MENDONÇA, Maristela Barbosa de. *Uma voz feminina no mundo do folheto*. Brasília: Thesaurus, 1985, p. 221-232.

_____. O Corcunda de Notre Dame. In: MENDONÇA, Maristela Barbosa de. *Uma voz feminina no mundo do folheto*. Brasília: Thesaurus, 1985, p. 233-240.

_____. *O violino do diabo ou o valor da honestidade*. S. l.: MEC/Pronasec Rural – SEC/Pb – UFPB – Funape, 1981.

ATAÍDE, João Martins do. *A fugida da Princesa Beatriz com o Conde Pierre*. In: *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984, p. 47-59.

_____. *História da Imperatriz Porcina*. In: *Literatura popular em verso; Antologia*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964, tomo I, p. 101-131.

_____. *História da Princesa da Pedra Fina*. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1973.

_____. (A *Bibliografia Prévia* de Sebastião Nunes Batista, considera Leandro Gomes de Barros o autor do poema), *Meia noite no cabaré*. Juazeiro: Prop. Filhas de José Bernardo da Silva, 1976.

_____. *Namoro de um cego com uma melindrosa da atualidade*. S. l.: s. n., 1976.

_____. (A *Bibliografia Prévia* de Sebastião Nunes Batista, considera Leandro Gomes de Barros o autor do poema), *O Bataclan moderno*, Juazeiro do Norte, Editor José Bernardo da Silva, 1953.

_____. *O poder oculto da mulher bonita*. Juazeiro: Prop. Filhas de José Bernardo da Silva, 1976.

_____. (A *Bibliografia Prévia* de Sebastião Nunes Batista, considera Leandro Gomes de Barros o autor do poema), *Os martírios de Genoveva*. S. l.: s. n., s. d.

BARROS, Leandro Gomes de. *A donzela Teodora*. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2005.

_____. *A mulher na rifa, Vaccina para não ter sogra, Noite phantastica, Chromo*. Recife: s. n., s. d.

_____. *A sogra enganando o Diabo, A alma de uma sogra*. Fortaleza: Tupynanquim Editora/ABC - Academia Brasileira de Cordel, 2004.

_____. *As cousas mudadas, História de João da Cruz* (4º vol.), Recife, Tip. Moderna, [s.d.].

_____. *As saias calções, Um susto de minha sogra, A defesa da aguardente*, Recife, LGB, 1911.

_____. *A Vida de Cancão de Fogo e o seu Testamento*. Juazeiro do Norte, José Bernardo da Silva, 1951, (col. CRB e FVL).

_____. *As consequências do casamento, Encontro de Jovino com Bentinho, no outro mundo, O reino da Pedra Fina*. Recife, Leandro Gomes de Barros, 1910.

_____. *Mulher em tempo de crise, Um sonho de trez horas*. Paraíba: Tipografia Pernambucana, s. d.

_____. *O casamento do velho e um desastre na festa, Vingança de um filho (conclusão)*, Recife, LGB, 1913.

_____. *O dinheiro (O testamento do cachorro)*. Recife: s. n., 1909.

_____. *O pezo de uma mulher*. Paraíba: Popular Editora, 1915.

_____. *O testamento da cigana Esmeralda*. Juazeiro: José Bernardo da Silva, 1941.

_____. *Os sofrimentos de Alzira*. Guarabira: Pedro Batista, 1919.

_____. *Um Pau com Formigas, Conclusão de Riachão com Turbana*. Recife, LGB (rua do Alecrim, 38-E), 1912, 16 p., (col. CRB).

BATISTA, Francisco das Chagas. *História de Esmeraldina: Tragédia célebre*. S. l.: s. n., s. d.

_____. *O interrogatório de Antonio Silvino*. Rio de Janeiro, Imp. Pap. Pacheco, 1915, 16 p., (BN).

CATUNDA, Dalinha. *A morena que calou o malandro*. Juazeiro do Norte, CE: SESC, s. d.

DUDA, José Galdino da Silva. *História de D. Genevra*. Juazeiro, CE, Tip. São Francisco, 1959, 32 p., (col. CRB).